Revista Brasileira de
Terapia Familiar

https://doi.org/10.60114/rbtf.v14.168

RESENHA

The science of family systems: Foundations for effective clinical practice

William Pickering[1,*]

1. Universidade Estadual de Campinas – Grupo Interdisciplinar CLE Auto-Organização – Campinas (SP), Brasil.
*Autor correspondente: willpickering@yahoo.com
Editora de seção: Eliane Pelles Machado Amorim
Recebido: 27 Ago. 2026 Aceito: 11 Nov. 2026

O volume tópico desta resenha é a segunda edição de uma obra publicada originalmente em 2021. O autor, Jacob Priest, cujas pesquisas têm se concentrado na conexão entre as relações familiares e a saúde mental e física, é terapeuta familiar e professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Iowa, nos Estados Unidos (EUA). A nova edição traz dois capítulos inéditos. O primeiro é um estudo de caso, que o autor adicionou para ilustrar a aplicação prática de seus conceitos teóricos. O segundo, que trata da dependência química, foi adicionado porque, segundo o autor, muitos terapeutas trabalham com famílias que enfrentam esse problema e também porque uma análise do assunto, feita da perspectiva dos sistemas familiares, pode aprimorar o tratamento.

O objetivo principal do livro é argumentar que a teoria dos sistemas familiares precisa ser revisada e atualizada à luz do acúmulo de pesquisas acadêmicas sobre famílias nas últimas décadas. Embora apresente algumas novas propostas, Priest expõe suas ideias com o intuito de demonstrar como conceitos sistêmicos contemporâneos podem ser utilizados para abrir caminhos para o desenvolvimento de uma teoria falseável e mais abrangente. Em vez de recorrer aos tradicionais conceitos da cibernética e da teoria geral de sistemas – como feedback, homeostase, etc. –, o autor organiza sua apresentação em torno das propriedades de autonomia e adaptação, oriundas de conceitos sistêmicos aplicados à biologia. Ele mostra como os sistemas familiares manifestam essas propriedades e interagem com outros sistemas, também autônomos e adaptativos, que impactam a dinâmica familiar. Nos capítulos subsequentes, o autor situa e discute suas propostas no âmbito dos debates atuais sobre o papel da abordagem sistêmica na terapia familiar e suas aplicações na prática clínica, com o objetivo de incentivar terapeutas e pesquisadores a reconsiderarem e aprimorarem os fundamentos teóricos de suas práticas.

Após um capítulo introdutório, o livro divide-se em três partes, que abordam, respectivamente: (I) evidências para os conceitos teóricos de adaptação e autonomia; (II) a relação entre as evidências e a hipótese de que sistemas familiares são sistemas autônomos e adaptativos; e (III) a ligação entre teoria e aplicações práticas. Por "evidências", o autor refere-se a pesquisas acadêmicas sobre famílias do tipo que deve, em sua visão, nortear quaisquer revisões na teoria dos sistemas familiares. A Parte I é composta pelos capítulos 2 a 4, em que o autor apresenta as evidências que apoiam a ideia de que cada um dos diversos sistemas que compõem e impactam o sistema familiar possui as propriedades de autonomia e adaptação.

No capítulo 2, Priest examina as evidências de como o sistema genético e o sistema individual (este último composto por corpo, cérebro e processos emocionais) se relacionam com a evolução da interação social humana (e, portanto, com o sistema familiar), destacando que são autônomos e adaptativos. O capítulo 3 trata dos sistemas de apego, de triangulação e do próprio sistema familiar, e o autor argumenta que cada um desses também possui as características de autonomia e adaptabilidade. Quanto ao sistema de apego, Priest conclui que "sistemas de apego responsivos, seguros e previsíveis podem manter sua autonomia [...] Mas esses sistemas de apego também podem se adaptar ao ambiente atual" (p. 35, tradução nossa) – assim como as demais citações desta obra. Argumentos semelhantes são apresentados em referência ao sistema de triângulos relacionais. Em relação ao sistema familiar, Priest usa o Modelo Circumplexo de funcionamento familiar de Olson et al. (2019) para ilustrar sua autonomia e adaptabilidade.

O sistema sociocultural, ambiente no qual o sistema familiar está inserido, recebe tratamento amplo no capítulo 4 como sistema autônomo e adaptável. Segundo Priest, embora o contexto sociocultural dos sistemas familiares tenha sido amplamente abordado no âmbito dos modelos de terapia familiar, os efeitos desses sistemas sobre famílias não têm recebido muita atenção sob a ótica da teoria de sistemas familiares *stricto sensu*. Citando McNeil Smith e Landor (2018) e outros com perspectiva semelhante, Priest discute como "poder, privilégio e opressão" operam nos sistemas

CC BY

socioculturais que afetam as famílias e por que a consideração de fatores socioculturais é essencial para compreender os processos de "construção da autonomia" e as "estratégias de adaptação" em famílias (p. 58).

A Parte II, composta pelos capítulos 5 a 7, argumenta detalhadamente que a família é um sistema com as características de autonomia e adaptação. Uma diferença essencial na abordagem do autor, tratada no capítulo 5, é que a autonomia não é concebida no sentido convencional de pensar e de tomar decisões de forma individual e independente (p. 63 [cf. Anderson, 2020]), mas como "a geração e a manutenção de um sistema por meio de interações" (p. 9). A definição explícita de autonomia de Priest, baseada nas ideias do biólogo evolutivo Rosslenbroich, compõe-se de três pontos, cada um reconhecidamente semelhante a conhecidas ideias das teorias clássicas de sistemas familiares:

> 1. Sistemas autônomos possuem processos que contribuem para a geração e a manutenção de sua existência.
> 2. Os processos são interdependentes, diferenciados, baseados em regras, hierárquicos e criam uma fronteira entre o sistema e o ambiente.
> 3. Os processos são relativamente estáveis ao longo do tempo.
>
> A autonomia, no sentido biológico, diz respeito *aos processos que criam o sistema, não necessariamente às pessoas que o compõem* [itálico adicionado] (Rosslenbroich, 2014, p. 64).

Adicionalmente, Priest propõe três processos que contribuem para a criação de autonomia em um sistema familiar – a resposta a ameaças, o pertencimento e a individualidade, os dois últimos sendo semelhantes às forças de união e de individualidade de Bowen. Para o autor:

> Esses processos criam fronteiras – eles determinam quem está no nosso sistema familiar e quem não está. Esses processos são o que torna os comportamentos dentro do sistema familiar diferentes daqueles de fora [...]. Eu diria que o sistema familiar é único porque os membros podem ativar cada um desses processos simultaneamente e, em muitos casos, com maior intensidade do que em outras interações sociais (Priest, 2025, pp. 70-71).

No capítulo 6 da Parte II, Priest examina como sistemas familiares se enquadram nos diversos sentidos de adaptação enumerados por Mahner e Bunge (1997) no âmbito da filosofia da biologia. Um desses sentidos é a "adaptabilidade relativa", critério que "permite comparar a adequação de dois ou mais sistemas a um ambiente" (p. 74). Segundo Priest, a capacidade de que uma família "prospere diante de adversidades e responda ao estresse de maneiras que ajudem a fortalecer e manter o sistema" não se deve a uma melhor adaptação a uma determinada *estrutura* familiar, mas, "independentemente da composição da família, são os *processos* [itálico adicionado] que ocorrem em seu interior que lhe permitem estar mais bem adequada ao ambiente" (p. 77).

No capítulo 7, Priest antecipa algumas críticas à sua posição teórica: por exemplo, a questão de a família ser ou não um sistema único e distinto. Conclui que, apesar de fortes índices afirmativos, seriam necessárias investigações adicionais para confirmar se as relações familiares são diferentes e mais importantes para o bem-estar do que outras relações interpessoais. Discute também recorrentes objeções às explicações evolucionistas do comportamento humano. Em sua visão, compreender os sistemas familiares no contexto da biologia e da evolução conecta a teoria dos sistemas familiares a outras ciências, conferindo-lhe, assim, credibilidade e "uma base sólida" (p. 89) – para uma crítica às opiniões de Priest sobre este assunto, veja a resenha de Rzadkowska (2023). Contudo, chega à conclusão geral de que:

> Dadas essas e outras limitações da teoria dos sistemas familiares, ainda não podemos afirmar que as hipóteses da teoria dos sistemas familiares sejam um fato científico. Mas, como a teoria dos sistemas familiares – tal como descrita atualmente – é mais passível de aplicação e testagem do que as suas versões anteriores, é possível que, futuramente, existam evidências suficientes para que ela seja considerada um fato (p. 91).

A Parte III contém os capítulos 8 a 14 e examina a relação entre a Teoria dos Sistemas Familiares e a prática clínica, argumentando que a abordagem sistêmica – revisada à luz da ciência – oferece o melhor fundamento para a prática da terapia familiar. O autor dedica o capítulo 8 ao pós-modernismo e o capítulo 9 à Teoria do Apego, dado o fato de que "os defensores dessas ideias desafiaram diretamente a teoria dos sistemas familiares e suas hipóteses" (p. 93). Para Priest, os modelos pós-modernos de terapia familiar envolvem "uma rejeição da ideia da família como um sistema" (p. 96). Ele contrapõe aos pressupostos teóricos desses modelos a sua própria visão sobre o papel da teoria e da pesquisa científica no estudo da família – visão que denomina "positivista" – e afirma que as ideias pós-modernas sobre linguagem e narrativa podem ser

incorporadas à abordagem sistêmica. Quanto à teoria do apego, sustenta que a Teoria dos Sistemas Familiares já incorpora a noção de sistema de apego e, além disso, toma conta da flexibilidade e do desenvolvimento nos sistemas familiares.

Uma novidade na segunda edição é a apresentação, no capítulo 10, de um estudo de caso hipotético, baseado na prática clínica do autor. Priest utiliza a abordagem inovadora de solicitar ao ChatGPT que gere um diálogo entre um terapeuta e um casal, baseado no cenário do caso, com o objetivo de evitar exemplos pré-concebidos que já pressupunham conceitos sistêmicos. O capítulo 11, dedicado ao trauma, apresenta evidências sobre o seu impacto nos sistemas genético, individual, de apego, de triangulação, familiar e sociocultural, para demonstrar como a Teoria dos Sistemas Familiares pode oferecer uma abordagem integrada para compreender os efeitos do trauma sobre as famílias.

O capítulo 12, que também é novidade na segunda edição, apresenta uma análise semelhante sobre a dependência química. Segundo o autor, "os tratamentos atuais, muitas vezes, não proporcionam alívio para a dependência, e muitos tratamentos e profissionais excluem os familiares do processo terapêutico" (p. 143). Ele argumenta que uma análise da dependência sob a perspectiva dos sistemas familiares – tal como a que ele apresenta neste capítulo – pode servir de base para intervenções aprimoradas.

Na sequência, no capítulo 13, o autor traz uma discussão interessante sobre a utilidade do uso de fatores comuns como guia para a prática terapêutica na terapia familiar, assunto de amplo debate nos EUA (D'Aniello & Fife, 2020) que também tem recebido atenção no Brasil (Diniz & Féres-Carneiro, 2005). Na opinião de Priest, a abordagem dos fatores comuns carece de poder explicativo e a sua popularidade pode se dever, em parte, à estagnação no desenvolvimento da Teoria dos Sistemas Familiares. Na sequência, reitera seu argumento de que essa teoria tem as vantagens de explicar a "complexidade das relações" e de ser falseável, mas que precisa ser renovada:

> [...] não podemos mais nos dar ao luxo de simplesmente afirmar que um estudo é norteado pela teoria dos sistemas familiares. Precisamos utilizar as evidências para modificar ou ampliar a teoria dos sistemas familiares [...]. Somente quando a teoria, a pesquisa e o desenvolvimento de modelos trabalharem em conjunto poderemos esperar ver melhorias nos resultados da terapia familiar (pp. 150-151).

O capítulo final (capítulo 14) sumariza o argumento do autor, apresentando uma lista dos princípios teóricos básicos defendidos por ele e, em coluna paralela, uma lista de teses opostas para fins de comparação.

De modo geral, esse livro é uma contribuição importante para os debates sobre o papel da teoria e a importância da perspectiva sistêmica em terapia familiar. O autor defende, de forma convincente, que a Teoria dos Sistemas Familiares precisa ser atualizada e que a perspectiva sistêmica em geral – bem como suas conexões com outras ciências – deve ser mantida. Nesse contexto, seus esforços para delimitar o problema e demonstrar como a teoria familiar pode ser refinada na perspectiva sistêmica são tão significativos quanto suas propostas específicas. Desse modo, o livro seria de interesse para terapeutas familiares que desejam reexaminar essas questões sob uma nova ótica.

Pesquisadores também se beneficiarão deste livro; a obra, inclusive, foi citada recentemente como referência teórica (Santos et al., 2025). Leitores que consideram questões teóricas, por sua vez, se interessarão pela atualização da perspectiva sistêmica, especialmente no que se refere à autonomia e à adaptação. O livro também é adequado para uso em sala de aula, dado que inclui questões de revisão e resumos ao final de cada capítulo. Diante da necessidade de uma maior conscientização sobre a Teoria Sistêmica Familiar nos cursos universitários no Brasil (Ribeiro et al., 2026), o livro de Priest é mais uma ferramenta que pode contribuir para enriquecer esse conteúdo.

Ao concentrar-se na abordagem estritamente sistêmica, especificar os conceitos teóricos de autonomia e adaptabilidade e vincular esses elementos às pesquisas contemporâneas sobre a família, Priest diferencia-se de outros trabalhos citados por ele que também tratam com profundidade o papel da Teoria dos Sistemas Contemporâneos na Teoria dos Sistemas Familiares. Wittenborn et al. (2020), por exemplo, apresentam uma concepção de sistemas em termos de modelos matemáticos e computacionais, adotando, assim, uma abordagem distinta daquela que propõe Priest. Fife (2020), por sua vez, compartilha as ideias de Priest sobre a necessidade de uma revitalização da teoria familiar e aborda o tema de forma mais detalhada. No entanto, em contraste com Priest, Fife não tenta elaborar propostas teóricas específicas ou relacionar suas discussões às preocupações da prática clínica.

No que concerne ao tópico da relação entre teoria e prática, um resenhista da primeira edição (Malzahn, 2022) observou que Priest não foi bem-sucedido na tentativa de conectar suas formulações teóricas às aplicações clínicas, opinando que uma discussão mais aprofundada e um estudo de caso deveriam ter sido incluídos no texto. Essa questão foi parcialmente sanada com a inclusão do estudo de caso, mesmo artificial, na nova edição. Além disso, Priest publicou recentemente outro livro que trata justamente do tema (Priest, 2024). De qualquer modo, na Parte III do livro aqui resenhado, significativamente intitulada "Conectando a teoria e a prática", ele consegue mostrar como uma perspectiva

CC BY

teórica sistêmica explícita e coerente, bem informada por pesquisas contemporâneas, pode auxiliar o terapeuta a refletir sobre o que observa na prática clínica; a refletir, inclusive, sobre si próprio e sua atuação e, assim, ter uma base firme para o aprimoramento dos modelos terapêuticos.

Em conclusão, vale a pena observar que Ribeiro e Lindsay (2026), em um artigo recente, afirmam que perspectivas sistêmicas na terapia familiar se mostram particularmente adequadas ao contexto social brasileiro. As autoras citam como justificativa da sua posição algumas das numerosas pesquisas sobre famílias brasileiras desenvolvidas no Brasil nas últimas décadas e, também, estudos sobre a adaptação do Sistema Único de Saúde (SUS) às características culturais específicas dessas famílias. Diante desse contexto, a tentativa de Priest de integrar fatores socioculturais a uma abordagem teórica sistêmica e suas reflexões sobre o uso de pesquisas acadêmicas para aprimorar a Teoria Sistêmica Familiar, embora baseadas principalmente em fontes norte-americanas, são diretamente relevantes para os desafios da terapia familiar no Brasil.

CONFLITO DE INTERESSE
Nada a declarar.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS
Não se aplica.

FINANCIAMENTO
Não se aplica.

DECLARAÇÃO DE USO DE FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL
Declaro que foi utilizada a ferramenta de inteligência artificial Google Gemini em outubro de 2026 para a revisão deste manuscrito. Após o uso desta ferramenta, o autor revisou e editou o conteúdo conforme necessário, assumindo total responsabilidade pelo conteúdo da publicação.

AGRADECIMENTOS
Não se aplica.

REFERÊNCIAS

Anderson, J. R. (2020). Inviting autonomy back to the table: The importance of autonomy for healthy relationship functioning. *Journal of Marital and Family Therapy, 46*(1), 3-14. https://doi.org/10.1111/jmft.12413

D'Aniello, C., & Fife, S. T. (2020). A 20-year review of common factors research in marriage and family therapy: A mixed methods content analysis. *Journal of Marital and Family Therapy, 46*(4), 701-718. https://doi.org/10.1111/jmft.12427

Diniz, O., N., & Féres-Carneiro, T. (2005). Eficácia psicoterapêutica: terapia de família e o efeito "Dodô". *Estudos de Psicologia (Natal), 10*(3), 355-361. https://doi.org/10.1590/S1413-294X2005000300003

Fife, S. T. (2020). Theory: The heart of systemic family therapy. In K. S. Wampler, R. B. Miller, & R. B. Seedall (Eds.), *The handbook of systemic family therapy* (Vol. 1, pp. 293-316). Wiley. https://doi.org/10.1002/9781119438519.ch13

Mahner, M., & Bunge, M. (1997). *Foundations of biophilosophy.* Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-662-03368-5

Malzahn, S. (2022). [Review of the book *The Science of Family Systems Theory, by J. Priest]. Journal of Marital and Family Therapy, 48*(3), 951-952. http://doi.org/10.1111/jmft.12577

McNeil Smith, S., & Landor, A. M. (2018). Toward a better understanding of African American families: Development of the sociocultural family stress model. *Journal of Family Theory & Review, 10*(2), 434-450. https://doi.org/10.1111/jftr.12260

Olson, D. H., Waldvogel, L., & Schlieff, M. (2019). Circumplex model of marital and family systems: An update. *Journal of Family Theory & Review, 11*(2), 199-211. https://doi.org/10.1111/jftr.12331

Priest, J. B. (2024). *Systemic diagnosis*. Routledge.

Priest, J. B. (2025). *The science of family systems: Foundations for effective clinical practice* (2nd ed.). Routledge.

Ribeiro, E., & Lindsay, T. R. (2026). Reflections on colonized psychology in Brazil: An emancipatory narrative through systemic family therapy. *International Journal of Systemic Therapy, 37*(3), 329-357. https://doi.org/10.1080/2692398X.2025.2575548

Ribeiro, E., Neves, L. S. C., Nunes, J. V. A., Menezes, E., Machado, A. C. V., & Melo, R. C. V. (2026). Ensino e prática da terapia sistêmica familiar nos cursos de psicologia. *Revista Brasileira de Terapia Familiar, 14*(1), e0626. https://doi.org/10.60114/rbtf.v14i1.161

Rosslenbroich, B. (2014). *On the origin of autonomy.* Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-319-04141-4

Rzadkowska, J. (2023). [Review of the book The Science of Family Systems Theory, by J. B. Priest]. Fokus på familien, 51(4), 349-354. https://doi.org/10.18261/fokus.51.4.6

Santos, R. B., Faro, K. C. A., & Frizzo, G. B. (2025). Reverberações do uso do smartphone na conjugalidade. *Revista Brasileira de Terapia Familiar, 13*, e0225. https://doi.org/10.60114/rbtf.v13i1.149

Wittenborn, A. K., Hosseinichimeh, N., Rick, J. L., & Tseng, C.-F. (2020). Systems theory and methodology: Advancing the science of systemic family therapy. In K. S. Wampler, R. B. Miller, & R. B. Seedall (Eds.), *The Handbook of Systemic Family Therapy* (Vol. 1, pp. 97-118). Wiley. https://doi.org/10.1002/9781119438519.ch5